



A vez e a voz decolonial nas escriturísticas evaristianas: o (re)tecer da memória ancestral em *Poemas da recordação e outros movimentos*

The Time and the Decolonial Voice in Evaristian (Write) Experiences: the (Re)waving of Ancestral Memory in Poems of Recordation and Other Movements

Arissandra Andreia dos Santos

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão / Brasil

arissandrasantos95@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3851-0271>

Josenildo Campos Brussio

Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Bernardo, Maranhão / Brasil

josenildo.brussio@ufma.br

<https://orcid.org/0000-0001-7721-9199>

Silvana Maria Pantoja dos Santos

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão / Brasil

silvanapantoja3@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1107-1336>

Resumo: O projeto ficcional da escritora Conceição Evaristo, na perspectiva da literatura afro-brasileira, é perpassado pelo tema da decolonialidade ao (re)tecer a memória ancestral sob o ponto de vista do protagonismo de autoria da mulher negra e periférica. Diante disso, a poética evaristianas, bem como a sua obra, em prosa e/ou poesia, faz um resgate das vozes silenciadas que sofreram a tentativa de apagamento pelos mecanismos hegemônicos eurocêntricos colonizadores do poder (Quijano, 2009). Nesse sentido, propomos nesta investigação analisar, por meio das escriturísticas, as imagens poéticas presentes em dois poemas da coletânea *Poemas da recordação e outros movimentos* (2021), a partir do olhar decolonial e memorialístico da escritora. A leitura será analítico-interpretativa, com ênfase na perspectiva da fenomenologia das imagens poéticas de Gaston Bachelard, no percurso antropológico do imaginário preconizado por Gilbert Durand (2012), nas potencialidades do

inconsciente coletivo de Carl G. Jung (2000), na memória coletiva de Maurice Halbwachs (2006) e Pollak (1990) e na decolonialidade proposta por Mignolo (2017), Quijano (2009) e Lélia Gonzalez (1984). A poética Evaristiana é perpassada tanto por uma construção simbólica de imagens poéticas vistas como uma *desobediência epistêmica* (Mignolo, 2017), quanto pela memória coletiva e individual (Halbwachs, 2006) que (re)tece as vivências de um eu-feminino decolonial ao remontar um passado diaspórico ancestral, a partir da percepção do presente sobre as agruras que ficaram como marcas do passado.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; escrevivências; decolonialidade; memória; imaginário.

Abstract: The fictional project of the writer Conceição Evaristo, from the perspective of Afro-Brazilian literature, is permeated by the theme of decoloniality by (re)weaving ancestral memory from the point of view of the protagonism of authorship by black and peripheral women. In view of this, Evaristian poetics, as well as her work, in prose and/or poetry, rescue the silenced voices that suffered the attempt to be erased by the hegemonic Eurocentric mechanisms that colonize power (Quijano, 2009). In this sense, we propose in this investigation to analyze, through writings, the poetic images present in two poems from the collection *Poem of remembrance and other movements* (2021), from the writer's decolonial and memorialist perspective. The reading will be analytical-interpretative, with emphasis on the perspective of the phenomenology of Gaston Bachelard's poetic images, on the anthropological journey of the imaginary advocated by Gilbert Durand (2012), on the potentialities of the collective unconscious of Carl G. Jung (2000), on collective memory by Maurice Halbwachs (2006) and Pollak (1990) and in the decoloniality proposed by Mignolo (2017), Quijano (2009) and Lélia Gonzalez (1984). Evaristian poetics is permeated both by a symbolic construction of poetic images seen as an epistemic disobedience (Mignolo, 2017), and by the collective and individual memory (Halbwachs, 2006) that (re)weaves the experiences of a decolonial feminine self by reassembling an ancestral diasporic past, based on the present's perception of the hardships left over from the past.

Keywords: Conceição Evaristo; (write) experiences; memory; ancestry; imaginary.

1 Introdução

O projeto ficcional evaristiano toma como base as escrevivências, termo cunhado pela autora, cujo propósito é aliar a produção literária às vivências da mulher negra e periférica no cenário da literatura contemporânea afro-brasileira. Ao ficcionalizar a realidade, faz das escrevivências um mecanismo potente que fundamenta a condição subalternizada e à margem da mulher negra no Brasil.

Diante disso, a produção poética de Conceição Evaristo tem como função resgatar uma memória ancestral afro-diaspórica e histórica-social, perpassada pelo (re)tecer de uma memória que ao ser evocada pelo eu-lírico

reconstrói a trajetória das vozes que sofreram a tentativa de apagamento, principalmente, concernente ao público feminino, excluído e subalternizado por um poder colonizador escravocrata. No tocante a isso, desde os navios negreiros às favelas, a tessitura da memória é um fio condutor que liga os mecanismos de rememoração e ressignificação das agruras do passado que ficaram como cicatrizes no presente.

Ao dar sentido a essas determinações, o discurso poético de Conceição Evaristo traz a potencialidade da vez e da voz decolonial, a partir da escrita poética enquanto lugar de fala da mulher negra. Nessa premissa, a presente investigação analisa o eu-lírico evaristiano mapeando as imagens poéticas nos poemas “Vozes-mulheres” e “Meu rosário” ambos da coletânea *Poemas da recordação e outros movimentos* (2021), por meio da fenomenologia das imagens poéticas (Bachelard, 1993), cujo enfoque será dado também à carga simbólica projetada nos poemas selecionados.

Nesse sentido, a discussão gira em torno do (re)tecer da memória na poética de Conceição Evaristo, escritora afrodescendente, cujo enfoque é perceber a potencialidade da voz decolonial que ecoa forte da sua escrita poética. Para isso, mapeia-se algumas imagens poéticas a partir do imaginário da autora, levando em consideração que a sua escrita é tão poética quanto política, pois a voz de Evaristo dá vez a um espaço de autoria feminina.

Com vistas a alcançar o escopo deste artigo, dividiu-se a organização arquitetônica do texto em três seções. Na primeira, **A vez e a voz decolonial na poética de autoria feminina e negra**, volta-se a elementos de uma poética decolonial nos discursos de Evaristo, carregados de marcas identitárias (Hall, 2006) como a ancestralidade afrodiáspórica no Brasil. Na segunda, **A poética autorreveladora decolonial na perspectiva da memória evaristianiana**, revela-se o protagonismo e as memórias do corpo negro feminino que fala e permite que ecoem as vozes e dores de seus ancestrais, vítimas dos epistemicídios colonizadores. Nessa seção, faz-se a análise das imagens poéticas voltadas para a voz decolonial da escritora nos poemas do livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2021): “Vozes-mulheres” e “Meu rosário”.

2 A vez e a voz decolonial na poética de autoria feminina e negra

O fio que conduz ao (re)tecer a memória nas escrevivências evaristianas, principalmente, ao que concerne às imagens poéticas,

corresponde à postura transgressora de uma voz decolonial que consagra um discurso poético emancipador. Grosso modo, a forma sutil de tessitura de uma memória ancestral configura-se como o *locus* de um imaginário feminino que vincula a poética autorreveladora à resistência de uma voz que faz com que seja ouvida nas reminiscências da contemporaneidade.

Nesse aspecto, dialogamos com o enlace entre a autora e sua obra, a partir das condições de produção da sua poética, visto que buscamos discorrer sobre o que de fato seja contemporâneo, não unicamente como as produções de autores do momento presente, mediante os fragmentários do século XXI, mas sim aquele que lança uma visão para além do seu tempo, buscando enxergar nas trevas do presente a luz (Agamben, 2009). Dessa forma, Evaristo volta o seu olhar, conforme as suas experiências do presente, de maneira retrospectiva para as dores do passado, fazendo isso perante uma postura decolonial.

Há, portanto, e não paradoxalmente, na produção literária negra, o interesse na “negação de uma tradição” produtora de desumanidades e da (re)afirmação e ressignificação de subjetividades negras, com repercussões políticas e históricas (Pimenta, Araújo, Rodriguez, Câmara, 2021, p. 256).

A obra evaristiana expressa uma voz que dá vez a uma dimensão simbólica decolonial de resistência ao comprometer-se com a ancestralidade diaspórica nas entrelinhas da história e cultura afrodescendentes no Brasil. Equiparado a isso, a autora faz uma reflexão sobre a condição da mulher negra imersa em uma sociedade eurocêntrica, escravocrata e patriarcal, por isso, tanto a sua prosa quanto a sua poética tem um comprometimento social marcando uma posição de alteridade, mas sem deixar de lado a sua subjetividade de mulher negra e periférica.

A literatura contemporânea, especialmente a afro-brasileira, tem como propósito ressignificar essas manifestações, tanto de um ponto de vista subjetivo intimista quanto social histórico, pois um não exclui o outro, ambos são sentidos na escrita poética de Evaristo. Para Schollhammer (2009, p. 15)

a literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima, privilegiando apenas a realidade exterior; o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico.

No tocante a isso, Conceição Evaristo, em seu projeto ficcional decolonial, traz uma voz de denúncia que perpassa tempos e espaços ao fazer um resgate e uma ressignificação histórica e social das vozes apagadas ou silenciadas do povo negro na diáspora africana. Nessa premissa, é necessário levar em consideração que a sua autoria comporta a sua subjetividade, configurando, assim, uma literatura com marcas identitárias (Hall, 2006), que consagra a voz da mulher negra de origem periférica que rompeu com os grilhões da colonialidade do poder.

O pertencimento de Evaristo à literatura contemporânea afro-brasileira situa-se na perspectiva atemporal, ou seja, mesmo inserida em um contexto de produção literária do século XXI, lança a sua visão para além do seu tempo de maneira retrospectiva, ao trazer a memória da escravidão negra no Brasil, mediante um passado epistemicida¹, trágico, opressor e negacionista que tenta negligenciar e ocultar a dor dos acorrentamentos, mutilações e homicídios cometidos contra os corpos negros (e indígenas) ao longo da história do Brasil.

Nesse sentido, “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta a contemporaneidade, obscuros” (Agamben, 2009, p. 62).

De fato, ser contemporâneo não é somente aquele que, cronologicamente, inaugura o momento, mas que surge de maneira *intempestiva*, tomando posição em relação às trevas do momento presente, enxergando os efeitos para além das luzes. Por isso, a poética evaristiana é aquela que mergulha a pena na obscuridade, indo muito além de uma prosa ou de uma poética afro-brasileira contemporânea, perfazendo um atravessamento temporal entre presente e passado dando vez às vozes que sofreram uma tentativa de apagamento.

¹ De acordo com Boaventura de Sousa e Santos (2019), o epistemicídio pode ser considerado o descrédito, a supressão e a morte das práticas sociais de diferentes culturas na produção de conhecimento locais perante os conhecimentos europeus. A partir dessa terminologia e conceito de Boaventura, diversos pensadores construíram fundamentos a cerca desse pensamento, no entanto, o epistemicídio como assassinato e apagamento da produção de conhecimentos do continente africano (Njeri; Aziza, 2020, p. 3) e suas heranças ao povo brasileiro é o que se coloca para discussão no presente artigo.

A pena e a tinta sempre foram um privilégio do colonizador branco, mas o silêncio dos escravizados durante décadas vem sendo preenchido através das narrativas decoloniais, seja em poesia ou prosa. Nesse sentido, a literatura enquanto linguagem artística é esteticamente capaz de criar imaginários intercambiáveis com as vivências do autor, pois um discurso é tão poético quanto político.

Assim, as escrevivências de Conceição Evaristo representam o projeto estético-político da escritora, uma poética autorreveladora, reacionária e decolonial na perspectiva coletiva e individual das vivências da mulher negra, transformadas em escrita que traduz “a história que constitui esse corpo-sujeito-negro com o seu ‘eu’ no mundo [...] narrada de forma heterogênea, transmitindo a ideia de formação pautada na diversidade e na libertação, a partir da resistência” (Pimenta, Araújo, Rodriguez, Câmara, 2021, p. 259).

3 A poética autorreveladora decolonial na perspectiva da memória evaristiana

A poética evaristiana é autorreveladora, no instante em que instaura um ato poético revolucionário, cuja autoria feminina negra desvela uma voz emancipadora, capaz de potencializar um discurso afrodiaspórico, escamoteando as vicissitudes históricas e sutilmente ultrapassando-a, pois, a imagem ao ser materializada em palavra poética, transcende até mesmo a própria linguagem. Assim, para Paz (1982, p. 28):

O fato de serem imagens leva as palavras, sem que deixem de ser elas mesmas, a transcenderem a linguagem, enquanto sistemas dados de significações históricas. O poema, sem deixar de ser palavra e história, transcende a história. Sob condição de examinar com mais atenção em que consiste esse ultrapassar a história podemos concluir que a pluralidade de poema não nega, antes afirma, a unidade da poesia.

A experiência de leitura poética é um ato autorrevelador no sentido de recriação, pois o leitor é capaz de ir muito além da significação histórica do poema, por isso, a obra ultrapassa o escritor. É importante frisar que essa relação entre leitor e autor é uma maneira de romper com o que Paz (1982) chamou de “os muros temporais”, participando, de maneira ativa, tanto da percepção quanto da materialização de imagens em palavras poéticas.

Por meio da apropriação da palavra poética, Evaristo revela uma voz decolonial, cujo silenciamento é rompido, dando vez e voz às classes historicamente subalternizadas, marcando uma posição que Mignolo (2017) chamou de “desobediência epistêmica”. Com efeito, esse paradigma é epistêmico à medida que se desvincula dos mecanismos hegemônicos disseminados pelo conhecimento ocidental institucionalizado nos últimos séculos e propõe uma ruptura com os epistemicídios desencadeados pela colonialidade do poder (Quijano, 2009). A voz decolonial evaristiana expõe aquilo que Lélia Gonzalez (2020) categoriza, em seu arcabouço conceitual psicanalítico, como a “neurose cultural brasileira”, tema da internalização da dominação europeia no Brasil em suas formas, significados e práticas.

Gonzalez expõe os modos de ocultamento da negação do negro (da mulher negra) enquanto sujeito social, demonstrando por meio da sociologia e da psicanálise, que as relações de sexismo e racismo, entre dominadores e dominados, colocam o povo negro numa condição de objeto (e não de sujeito), estereotipado em imagens negativas (ladrão, malandro, pivete, trombadinha). Gonzalez demonstra o reducionismo histórico de imagens negativas a partir de três estereótipos da mulher negra brasileira: a mulata, a mucama e a mãe-preta, que se desdobram em outras imagens: “Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta” (Gonzalez, 1984, p. 226).

A colonialidade é um padrão de poder (Quijano, 2009) presente nas bases históricas desde os tempos antigos até a modernidade. Diante disso, a decolonialidade, proposta pensada durante a conferência de Bandung, realizada em 1955 na Indonésia, foi uma maneira de indicar uma terceira via de pensamento, nem capitalista nem comunista, mas sim “descolonizada” (Mignolo, 2017).

Grosso modo, a voz descolonizadora transpõe o predomínio do eurocentrismo moderno centralizante da colonização do poder, enfatizado pelo modelo capitalista. Além disso, a colonialidade alia a relação entre trabalho, gêneros e raça, enquanto instrumentos de dominação. Através das relações de controle do poder eurocêntrico, o patriarcalismo, enquanto modelo moral, instaura os pilares de construção estereotipada da ideia de que existe a inferioridade entre os gêneros, haja vista que, por muito tempo os espaços de pertencimento foram distinguidos entre homens e mulheres,

principalmente pelas bases morais que consideram que o masculino é intelectualmente mais capaz e o feminino gravita em um patamar inferior.

Para Santos e Meneses (2009, p. 105), essa “foi e continua a ser, um meio extremamente eficaz dos capitalistas para manter o controle do poder. A colonialidade do poder tem tido nessa história o papel central”. Por essa razão, muitas vozes femininas negras eclodiram com pedagogias, filosofias e literaturas decoloniais na América Latina, EUA e México nos últimos anos, a saber, Lélia Gonzalez, bell hooks, Nah Dove, Ama Mazama, Marimba Ani, Angela Davis, Dandara Aziza, Aza Njeri, Djamilia Ribeiro, Katiúscia Ribeiro, Sueli Carneiro, para citar algumas. Nesse enfoque, ao tomar posse da palavra poética e através da sua voz fazer outras vozes ecoarem, Evaristo constrói uma identidade social política respaldada na memória coletiva, cuja tentativa é transpor tanto o colonialismo quanto patriarcalismo.

Pollak (1990) estabelece a relação entre memória e identidade social, nessa perspectiva, alia-se às concepções de Halbwachs (2006) de que nunca estamos sós, pois embora a memória pareça um fenômeno construído individualmente, projetando a construção de uma identidade subjetiva que se configura com a *imagem de si*, estamos sempre em relação a (ou com) o outro, ou seja, a coletividade está sempre presente em nós, já que toda a nossa construção social depende do(s) grupo(s) ao(s) qual(is) estamos inseridos. No tocante a isso, Pollak (1990, p. 5) discorre que:

A memória é um sentimento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e ocorrência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Por meio dessa reconstrução de si pelo outro é que a memória é projetada nas escrevivências evaristianas, cujo propósito ficcional traz a voz da mulher afrodescendente, que projeta uma memória ancestral dos sofrimentos da escravidão e outras formas de opressão contra o povo negro ao longo da história. Realidade essa que deixou cicatrizes profundas, mediante a subalternização das relações socioculturais de poder e os epistemicídios sofridos. É nesse eco que reside o que Conceição Evaristo preceitua como “escrevivências”:

apresentadas ao leitor a partir de um conjunto de narrativas constituídas através de sua perspectiva autoral feminina e negra,

que se coloca sempre como herdeira de uma afrodescendência, buscando evidenciar vidas e corpos apartados de suas origens, vozes afogadas em navios negreiros, desfazendo silêncios, invisibilidades, reforçando identidades e auto representações, atenta às suas múltiplas caracterizações: classe, gênero e raça, todas em diálogo na constituição de suas narrativas e personagens (Pimenta, Araújo, Rodriguez, Câmara, 2021, p. 259).

Historicamente, no Brasil, a desigualdade racial e de gênero têm atingido com mais força a mulher negra, desde a violação dos seus corpos à escravização do seu trabalho. Nesse contexto, o passado da escravidão deixou marcas profundas na própria construção histórica, cultural e social do nosso país, que por muito tempo foi colonizado.

2.1 Vozes-Mulheres: imagens poéticas na voz que ecoa forte

A estética literária é um movimento capaz de suscitar as potencialidades do imaginário, por meio do processo ficcional. Nessa perspectiva, imerso em um sistema de *imagens que constelam*, assim como defende Durand (2012), o imaginário, fruto “do conjunto das imagens que constituem o capital pensado do homo sapiens” (Durand, 2012, p. 18), perfazem um percurso antropológico. Do ponto de vista fenomenológico com ênfase no trajeto supracitado, a materialização do conteúdo da *imaginação criadora* nas escrevivências de Evaristo emana de um imaginário cujo dinamismo e potencialidade pairam entre o meio *cósmico-social* e *bio-psíquico*. Nesse sentido, as representações subjetivas são reflexos do meio social, isso influi na construção simbólica das imagens presentes no discurso poético.

Durand (2012, p. 41) propõe que “o símbolo é sempre produto dos imperativos biopsíquicos pelas interações do meio”. Segundo essa linha de pensamento, as práticas simbólicas são articuladas à noção de trajeto antropológico subjacentes ao modo de agir, pensar e se posicionar do indivíduo inserido em determinada cultura e sociedade. Para tal, “as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas emanam do meio cósmico e social” (Durand, 2012, p. 41).

Aliado a essas concepções, reciprocamente, as escrevivências Evaristianas dialogam com esse trajeto antropológico, pois sua escrita é fruto das experiências subjetivas, mas com a indubitável presença de uma memória coletiva. Nunca estamos sós, por mais subjetivas que sejam as

nossas lembranças são sempre mediadas pelo grupo social no qual estamos inseridos, assinala Halbwachs (2006), por isso o ato de recordar pertence à coletividade, além de ser fruto do ato testemunhal.

Nesse sentido, Halbwachs (2006, p. 31) defende que: “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. Mesmo que outros sujeitos não estejam materialmente presentes, levamos conosco a influência desses, uma vez que a comunidade é um elemento fundamental na construção de memórias. De maneira testemunhal, nossas lembranças antigas reforçam a percepção do conjunto de lembranças do presente, notadamente essa noção está presente nas escrituras de Evaristo, pois os grupos sociais à margem, marcados historicamente pelas agruras da escravidão, são analisados segundo uma ótica da contemporaneidade através das cicatrizes que ficaram.

A potência da voz de Conceição Evaristo, a partir do ponto de vista da mulher negra e periférica, faz surgir um discurso decolonial, pelo fato de avaliar as vozes abafadas e silenciadas. Ao tomar posse da palavra poética, a autora traz um eu-lírico que materializa um discurso de resistência e sobrevivência de uma memória ancestral. Diante disso, no poema “Vozes-Mulheres” extraído da coletânea *Poema da recordação e outros movimentos* (2021), o eu-lírico evaristiano perfaz a trajetória e reconta a história por meio das vivências das gerações de mulheres que atravessaram o tempo – a bisavó, a avó, a mãe e a filha.

O nome escolhido para o poema encontra-se no plural, pois não é apenas uma voz que ecoa, mas são “vozes” que marcam a coletividade desse grupo social feminino. A voz poética presente na construção do discurso poético não deve ser vista sob uma perspectiva distanciada, mas sim de proximidade, já que o eu-lírico assume uma posição de protagonismo mediante a visão daquele que, de fato, conhece a história de dentro, isso fica evidente quando o pronome possessivo “minha” aparece no primeiro verso da primeira estrofe e segue esse modelo estrutural em todo o discurso poético, como podemos evidenciar nos versos a seguir:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.

Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
(Evaristo, 2021, p. 24)

A voz da primeira ancestral tem a incumbência de transmitir o seu legado e a memória desta às gerações futuras. Em sua voz ecoam os “lamentos de uma infância perdida” nos porões dos negreiros que transportavam mão de obra escravizada para a colônia, que teve como base de construção o sangue e o suor africano. A bisavó é uma representação do processo de deslocamento diaspórico sofrido pelo povo negro, arrancados do seu país de origem e levados à força para outros continentes. Essa ancestral, simbolicamente, representa a linhagem das primeiras mulheres negras da diáspora africana submetidas à escravidão dos seus corpos, das suas almas e das suas forças de trabalho.

Fica evidente que a voz do eu-lírico é fruto da experiencição de uma memória vivida e sentida, mas o poema oferece elementos que vão muito além, repousando no imaginário. Do ponto de vista fenomenológico, a memória do vivido e as condições imaginárias estão conectadas, já que o processo de criação das imagens poéticas são frutos dos devaneios da *imaginação criadora* presentes no processo oníricos das dimensões psíquicas.

No tocante a isso, Bachelard em *A poética do Espaço* (1993) assevera que

a fenomenologia do devaneio pode deslindar o complexo de memória e imaginação. Ela se faz necessariamente sensível às diferenciações do símbolo. O devaneio poético, criador de símbolos, dá a nossa intimidade uma atividade polissimbólica (Bachelard, 1993, p. 44).

Ao dar sentido a essa dimensão polissimbólica do processo de criação poética, vale ressaltar que o poema é uma expressão artística por meio do qual a natureza das imagens simbólicas se origina. A função dos símbolos, segundo Carl Gustav Jung em *O homem e seus símbolos* (2002), pode ser definida em duas tendências – a *simbólica natural* e a *simbólica cultural*. Segundo essa abordagem teórica:

Os primeiros são derivados dos conteúdos inconscientes da psique e, portanto, representam um número imenso de variações das imagens

arquetípicas essenciais. Em alguns casos pode-se chegar às suas origens mais arcaicas—isto é, a ideias e imagens que vamos encontrar nos mais antigos registros e nas mais primitivas sociedades. Os símbolos culturais, por outro lado, são aqueles que foram empregados para expressar “verdades eternas” e que ainda são utilizados em muitas religiões. Passaram por inúmeras transformações e mesmo por um longo processo de elaboração mais ou menos consciente, tornando-se assim imagens coletivas aceitas pelas sociedades civilizadas (Jung, 2002, p. 93).

Os *símbolos naturais* são distintos dos *símbolos culturais*, porquanto o primeiro faz parte do conteúdo inconsciente ligado às imagens arquetípicas primordiais, ao passo que o segundo expressa imagens projetadas por diferentes culturas em diferentes contextos sociais, pois cada sociedade é capaz de criar os seus próprios símbolos.

O conceito junguiano de *símbolos naturais* comporta os resíduos arcaicos do *inconsciente coletivo*, essencialmente, construídos pela noção de arquétipos. Alinhado a essa concepção em *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2000), Jung discorre que

o inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, posto que é herdado. Ele consiste em formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida ao conteúdo da consciência (Jung, 2000, p. 54)

O inconsciente coletivo, herdado das condições preexistentes ancestrais, integra o imaginário social materializado no discurso poético evaristiano, pois a subjetividade da sua escrita está atrelada às condições simbólicas. Grosso modo, os arquétipos da mulher-mãe são isomorfos do arquétipo da *grande-mãe* (Eliade, 2002; Jung, 2002; Durand, 2012), vozes que ecoam das mulheres, a bisavó / avó / mãe / filha, são essencialmente a representação do tempo à luz das gerações de mulheres que compuseram cada momento histórico das integrantes do grupo pertencente. Como assevera Eliade (2002, p. 71),

[...] o sentido religioso desse costume: a geração e o parto são versões microcósmicas de um ato exemplar realizado pela Terra; a mãe humana não faz mais do que imitar e repetir este ato primordial da aparição da Vida no seio da Terra. Por isso, a mãe humana deve colocar-se em contato direto com a Grande Mãe, a fim de se deixar

guiar por ela na realização do grande mistério que é o nascimento de uma vida, para receber dela as energias benéficas e encontrar aí a proteção maternal.

De maneira retrospectiva, Evaristo enfatiza a visão de uma memória do passado, que se projeta para uma visão futura do seu discurso: “desde a instituição do projeto de poder do homem branco, que racializou a humanidade, seres humanos melaninados estão sujeitos a inferiorização intelectual dos seus saberes, a caminho do epistemicídios” (Carneiro, 2005). Dessa maneira, as injustiças sociais são sentidas pelas mulheres negras subalternizadas e vítimas do sistema escravocrata colonial.

Diante disso, o eu-lírico de Evaristo projeta a voz da avó e da mãe ainda submetidas à obediência aos donos do poder econômico de compra da mão de obra escravizada negra africana:

A voz da minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz da minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

(Evaristo, 2021, p. 24)

O eu-lírico evidencia uma dinâmica social da atualidade pautada na modernização do trabalho escravo, ou seja, o trabalho doméstico que normalmente é realizado por mulheres negras da periferia que, muitas vezes, não têm acesso ao trabalho digno e são submetidas às condições de obediência. O tema da mulher negra para Evaristo é gatilho para se pensar as formas de dominação e as ideologias políticas que replicam representações coloniais, que produzem e reforçam desigualdades no cotidiano, assim como foi para Lélia Gonzalez (1984).

A relação do indivíduo com o meio fica evidente através dos espaços que afetam as vivências sociais. Tem-se o percurso histórico dos

epistemicídios, das vozes caladas e silenciadas ao longo da história, do lugar do negro criado sob a ótica do poder colonizador. Assim como Grada Kilomba expressa a potência de um poema de Jacob Sam-La Rose, a voz de Evaristo eclode em fulgor ancestral contra esses silenciamentos: “este *não* é apenas um poema sobre a perda contínua causada pelo colonialismo. É também um poema sobre resistência, sobre uma fome coletiva de ganhar a voz, escrever e recuperar nossa *história escondida*” (Kilomba, 2019, p. 27). No fragmento do poema a seguir podemos evidenciar essa potência:

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome
A voz da minha filha recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas na garganta

A voz da minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz da minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida liberdade.
(Evaristo, 2021, p. 24-25)

Essas vozes-mulheres são uma força motriz matriarcal que atravessam gerações: o presente é visto através do passado para construir um futuro que perscruta “o eco da vida liberdade”. Todas as potencialidades dessas vozes abafadas e caladas são recolhidas pela voz da filha que representa a esperança de liberdade, a força do devir histórico, da mudança, da transformação, ou seja, com o passar dos ciclos, a relação avô-mãe-filha,

os homens tomaram consciência de seu próprio modo de ser no Cosmos de suas possibilidades de sobrevivência ou renascimento [...] estabelecendo correspondências entre fatos tão heterogêneos como o nascimento, o devir, a morte, a ressurreição (Eliade, 1999, p. 130).

Além da difusão de uma memória ancestral, existe a execução de uma ação de maneira cíclica “o ontem – o hoje – o agora”. O eu-lírico prenuncia a ancestralidade por meio da imagem cíclica, o movimento de rememoração, perfazendo um retorno temporal, trazendo para o momento presente as agruras que marcaram as trajetórias das mulheres negras no passado, mas agora ressoando as vozes plurais de uma ancestralidade diaspórica (Evaristo, 2010) que irá subsidiar a sua resistência (Kilomba, 2019) na cultura, bem como nas entrelinhas da história.

2.2 Entre a memória e a religiosidade: “Meu rosário” e seus símbolos

Conceição Evaristo marca uma posição de resistência ao manifestar uma voz que faz ser ouvida nos ecos da contemporaneidade. Sua escrita na literatura afro-brasileira ressignifica um posicionamento e a construção da identidade da mulher negra, historicamente delegada aos estigmas do discurso colonial patriarcal.

A poética Evaristiana comporta uma transmissão simbólica de elementos que consagram a presença de uma voz feminina que faz uma reflexão sobre a sua condição subjetiva, aliada aos fatos históricos-sociais. O poema “Meu rosário” aborda a temática da religiosidade sob duas vertentes simbólicas: eurocêntrica, aludindo à religião católica apostólica romana e a religiosidade de matriz africana, referindo-se à herança ancestral afro-brasileira. Nos primeiros versos do poema, essas representações ficam evidentes:

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamã Oxum e falo
padres-nossos, ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do
meu povo
e encontro na memória mal adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
As coroações da Senhora, onde as meninas negras,
apesar do desejo de coroar a Rainha,
tinham de se contentar em ficar ao pé do altar
lançando flores.
(Evaristo, 2021, p. 43)

Os símbolos religiosos estão vinculados à construção poética na imanência das imagens e na representação dos objetos, e são carregados de elementos memorialísticos de práticas culturais de matrizes africanas, como os “batuques” que atravessam gerações nos tambores de crioula, tambores de mina, da umbanda e do candomblé, por exemplo. Conforme aponta Jung (2002, p. 232), “o homem tem uma propensão para criar símbolos, transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhe assim enorme importância psicológica)”. A esse respeito, o eu-lírico atribui uma significação simbólica aos objetos que marcam a representação da religião afro-brasileira como “nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo padres-nossos, ave-marias” (Evaristo, 2021, p. 43). Todos esses elementos trazem uma carga simbólica do forte sincretismo religioso decorrente do processo colonizatório do Brasil.

O antropólogo Sérgio Ferretti afirma que durante o processo de colonização a igreja católica era a religião dominante e, como estratégia para manter o poder, os portugueses buscaram impor sua religião aos demais povos que já se encontravam nas terras brasileiras, uma das estratégias foi catequizar todos os índios, porém, o encontro de diferentes povos e religiões resultou em um sincretismo religioso, na qual os portugueses tiveram que incorporar novas práticas religiosas.

Segundo Ferretti (2014, p. 26),

as festas religiosas constituem componente importante das religiões populares, em que o sincretismo se encontra intimamente relacionado e pode ser visto como um paralelismo entre rituais de origens africanas, do catolicismo popular e de outras procedências.

Porém, um forte traço do catolicismo português foi o culto aos santos católicos, que se espelhavam na tradição portuguesa, nas homenagens e celebrações aos santos.

No poema “Meu rosário”, a religiosidade de matriz africana é expressa em “Mamãe oxum” – entidade religiosa africana muito cultuada pelo candomblé. Por outro lado, o ato de rezar o terço está ligado à tradição cristã ocidental, herança europeia do colonizador português. Outro elemento de valor simbólico é o som do tambor “do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do meu povo” (Evaristo, 2021, p. 43), representando a ancestralidade de um povo com todo o valor percussivo e pulsional.

A junção de elementos míticos e simbólicos dá vasão ao processo inconsciente nas reminiscências dos devaneios poéticos. Em consonância a isso, o psiquismo humano cria as condições necessárias de materialização da palavra para a construção de símbolos que gravitam entre o imaginado e o escrito, entre as memórias e escrevivências. Nessa acepção, para Bachelard (1998, p. 55)

parece-nos incontestável que uma palavra permaneça ligada aos mais longínquos, aos mais obscuros desejos que a animam, em suas profundezas, o psiquismo humano. O inconsciente murmura ininterruptamente, e é escutado esse murmurar.

A palavra poética conecta-se às profundezas do inconsciente, por isso, a poesia é uma expressão enraizada dos sentimentos e sensações que emergem das profundezas do universo onírico onde a palavra é formulada, por isso, “o sentimento é o centro indestrutível da memória” (Starobinski *apud* Assman, 2011, p. 271). Dessa maneira, além da carga simbólica, as recordações vêm carregadas de sensações que remetem às memórias da infância.

Assim como aponta Assman (2011, p. 172), as memórias são evocadas por meio das emanções sentimentais provenientes dos processos complementares de “memória” e “recordação” daquilo que foi vivido, mas que pode vir à tona ao momento presente, em forma de imagens, de acordo com os sentimentos vivenciados. Assim, as memórias da infância são revividas à medida que afetam o sujeito, de maneira positiva ou negativa.

Esse fenômeno se manifesta na construção poética ao aludir ao movimento retrospectivo da percepção de uma memória carregada de afetações: “despertar da memória mal adormecida / as rezas dos meses de maio de minha infância” (Evaristo, 2021, p. 43). Nos versos que seguem é perceptível uma analogia ao debulhar das contas executada no terço com o processo de produção poética: as contas são o tecer cuidadoso das escrevivências, cuja abordagem descreve a dor e a violência sofrida pelos afrodescendentes em uma sociedade em que as bases foram fundadas a partir de um discurso eurocêntrico de dominação.

As contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos,
pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas, nas casas,
nas escolas, nas ruas, no mundo.

As contas do meu rosário são contas vivas.

(Alguém disse um dia que a vida é uma oração,
eu diria, porém, que há vidas-blasfemas).
(Evaristo, 2021, p. 43)

A reiteração no poema “Meu rosário” assemelha-se a uma ladainha, cujo ritmo remete a uma oração feita em um rosário no qual as contas machucam mãos, pois é um processo doloroso, assim como o tecer da memória por meio das escrevivências. O dedilhar das contas tem o propósito de representar a luta afrodescendente imersa em uma sociedade que ainda reproduz os valores da escravidão e opressão do povo negro ao afirmar que “as contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos, / pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas, nas casas, /nas escolas, nas ruas, no mundo” (Evaristo, 2021, p. 43).

O eu-lírico revela uma postura reflexiva sobre a relação do trabalho escravo/subalterno ao qual a população afrodescendente foi, e ainda é, submetida, pois mesmo depois de restituída a liberdade (Lei Áurea de 1888), ainda são vítimas da escravidão estrutural – ou racismo estrutural, como diria Silvio Almeida (2019) – e pelo preconceito e pobreza nos grandes centros urbanos.

Nas contas de meu rosário eu teço entumecidos
sonhos de esperanças.
Nas contas do meu rosário eu vejo rostos escondidos
por visíveis e invisíveis grades
e embalo a dor da luta perdida nas contas do meu rosário.
Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.
Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome
no estômago, no coração e nas cabeças vazias.
Quando debulho as contas de meu rosário,
eu falo de mim mesma em outro nome.
(Evaristo, 2021, p. 43-44)

Além do debulhar, do desentranhar dos sofrimentos representados nas contas do rosário, a autora tece “sonhos de esperança”, pois o movimento de passar de uma conta para outra representa, simbolicamente, as lutas de uma voz que “canta, grita, cala”. Vale ressaltar que a imagem criada em torno da oração no debulhar das contas do rosário é o ato criador da palavra poética. O eu-lírico não alude somente às suas vivências subjetivas, mas

formula a sua visão a partir do outro: “Quando debulho as contas de meu rosário / eu falo de mim mesma um outro nome” (Evaristo, 2021, p. 43).

E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,
vidas que pouco a pouco descubro reais.
Vou e volto por entre as contas de meu rosário,
que são pedras marcando-me o corpo-caminho.
E neste andar de contas-pedras,
o meu rosário se transmuda em tinta,
me guia o dedo,
me insinua a poesia.
E depois de macerar conta por conta do meu rosário,
me acho aqui eu mesma
e descubro que ainda me chamo Maria.
(Evaristo, 2021, p. 44)

Esse rosário é um objeto imaginário que atíça a percepção da autora sobre a sua realidade sócio-histórica e das pessoas e lugares que ela materializa por meio do seu pensamento-devaneio. Diante disso, é importante frisar que a vez e a voz evaristianas fazem com que outras vozes oprimidas e à margem se revelem e sejam ouvidas. Além disso, ela cria a imagem do corpo da mulher negra que caminha pelas “contas-pedras”, essas são suas condições subjetivas aliadas à percepção da condição social da coletividade.

É o prenúncio de uma memória individual associada a uma coletiva, pois o eu-lírico descobre a si mesmo através do outro. A imagem do rosário sendo manuseado é fruto da imaginação criadora, condição de um *sonhador de palavras* (Bachelard, 1998) “o meu rosário se transmuda em tinta, me guia o dedo, me insinua a poesia” (Evaristo, 2021, p. 43), a imagem construída em torno do rosário é propriamente a manifestação da poesia.

Considerações finais

A análise aqui empreendida teve como enfoque adentrar no projeto ficcional poético evaristiano, inserido no contexto da literatura contemporânea, não necessariamente pelo fato da autora escrever no momento presente, mas sim por manifestar uma voz da contemporaneidade que dá vez a uma memória ancestral, perpassando as barreiras temporais

da diáspora africana à favelização e subalternização do povo negro. De fato, Evaristo mergulha a sua pena na tinta do presente e traz uma poesia de resistência respaldada por um eu-lírico que escreve sobre si, mas em relação ao outro, ou seja, o grupo social.

As escrevivências manifestam o (re)tecer da memória mediante as vivências subjetivas da mulher negra e periférica pertencente a uma massa ainda marginalizada. Para além do panorama sócio-histórico-cultural, constatamos que a voz de Evaristo é decolonial por trazer à tona um discurso poético que retrata a postura transgressora de um eu-lírico feminino que busca libertar-se, epistemologicamente, dos grilhões da colonialidade do poder, isto é, das bases morais do colonizador.

Nesse sentido, Conceição Evaristo faz da sua poesia um ato político ao criar um espaço de poder e de fala de uma voz feminina negra, dando vez a outras vozes que sofreram inúmeras tentativas de apagamento. Ao colocar esse discurso feminino em evidência, ela faz com que a sua voz seja ouvida por outras como uma forma de resistência ao sistema opressor.

Ademais, a poesia da autora possui uma voz decolonial que reverbera as condições sócio-históricas, determinantes do processo de (re)tecer da memória individual, imbricada com a coletividade, cuja dimensão subjetiva é construída no interior do grupo social. O pensamento e a ação política de Conceição Evaristo nos guiam para algo que muitas ativistas e feministas negras têm colocado no debate público contemporâneo: o lugar emancipatório da mulher negra. As condições do imaginário poético da autora simbolizam potencialidades oníricas que trazem consigo uma constelação de imagens construídas por meio das palavras poéticas, permeadas pela voz ancestral no poema “Vozes-mulheres” e no dedilhar das contas de um rosário em “Meu rosário”.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2009.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaira, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)

ASSMANN, Aleida. Sobre as metáforas da recordação. *In*: ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soeter. Campinas, SP. UNICAMP, 2011. p. 161-192.

BACHELARD, Gaston. *A poética do Devaneio*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. *A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. *In*: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

FERRETI, Sérgio. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. *Revista Pós Ciências Sociais*, [s. l.], v. 11, n. 21, p. 15-34, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/2867>. Acesso em: 24 set. 2022.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução: Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Tradução: Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2002.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MIGNOLO, Walter. *Desafios decoloniais hoje*. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu-Paraná, v. 1, p. 12-32, 2017.

NJERI, Aza; AZIZA, Dandara. Entre a fumaça e as cinzas: estado de maafa pela perspectiva mulherismo africana e a psicologia africana. *Problemata*, [s. l.], UFPB, v. 11, n. 2, 2020, p. 57-80. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/53729>. Acesso em: 17 set. 2022.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução: Olga Savany. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1982.

PIMENTA, Luciana; ARAÚJO, Luísa Consentino; RODRIGUES, Maria Luíza Simplício; CÂMARA, Yanca Abreu. A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em Olhos d'água. *Letras de hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 56, n. 2, p. 251-261, maio-ago. 2021e-ISSN: 1984-7726 | ISSN-L: 0101-3335.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, FGV, v. 5, n. 10, 1990.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 73-118.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 9-21.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.